



Relato do encontro do grupo É possível! em 18/07/2015

Em nossa última reunião voltamos a colocar no centro da nossa partilha: o estigma.

O estigma aparece nas nossas crenças errôneas, nas atitudes de rejeição social e de ações que excluem nossos filhos socialmente e dificultam seus processos de recuperação. Cria-se um círculo vicioso. A falta de informação e a disseminação de notícias na mídia que colocam ênfase na imprevisibilidade e, sobretudo, violência dos “esquizofrênicos”, assustam e reforçam processos de exclusão social e discriminação.

O estigma afeta nossos filhos e a nós mesmos, pais, em nossos grupos familiares e fora deles. Dois pontos de vista foram formulados:

a) a necessidade de compartilhar esse aspecto da nossa vida e o que aprendemos sobre esse estado de vulnerabilidade com nossa família e amigos, sobretudo com os mais próximos. Alguns deles ainda não tem a “escuta” que desejaríamos e continuam a manter os estereótipos. Outros, no entanto, se abrem e revelam aspectos de saúde de familiares até então ocultos para nós.

b) a necessidade de preservar nossos filhos. Alguns deles expressam claramente seu desejo de que suas condições vulneráveis de saúde não sejam divulgadas. E realmente este é um aspecto

privado, que precisa ser respeitado.

Se entendi corretamente, não se trata de eleger um ou outro ponto de vista como *o correto*. Trata-se de lidar com bom senso diante de cada situação e de ter clareza da nossa motivação na revelação, ou não, desse aspecto da nossa vida e da vida dos nossos filhos (ou irmãos, ou maridos e espôsas).

Do meu ponto de vista pessoal, acredito que lutar contra o estigma solicita medidas de curto, médio e longo prazo. Envolve mudanças individuais, grupais e sociais no sentido mais amplo. Trata-se de um *processo de re-educação* que começou conosco quando passamos a frequentar os Seminários do IPUB, que continua nas nossas reuniões de familiares. A questão é: como irradiar a informação científica de um modo compreensível, mostrando que a esquizofrenia, nos seus vários espectros, é fruto da combinação de aspectos genéticos e sociais.

A informação correta (absolutamente necessária, e ainda insuficiente) não é compreensão. A compreensão só se estabelece através da experiência de quem convive com o vulnerável, busca ajuda para se informar e apoio para transformar essa experiência dolorosa numa aprendizagem humana que resignifica não só o que entendemos sobre esse estado, mas principalmente nosso relacionamento com o vulnerável.

Além desse tema central, outros temas reapareceram em nosso encontro:

a) a diferença de abordagem da esquizofrenia, seja do ponto de vista médico ou terapêutico;

b) a negação da vulnerabilidade por quem é vulnerável e que assume vários comportamentos, desde não procurar ajuda médica, não tomar medicação ou fugir dos terapeutas. Alguns dos nossos filhos, no entanto, já aderiram ao tratamento.

c) o nível de autonomia do vulnerável, que varia (cada caso é um caso!) e de como manejar esse processo que é construído, progressivo e sobre o qual só temos a chance de acompanhar amorosamente, sem diretamente “desconstruir sonhos” e sem a possibilidade de prever qual o resultado efetivo. Discutimos como o processo de autonomia é perturbado nos estados de comorbidade (onde há dependência química). Percebemos, em nossa experiência, que o amadurecimento emocional do vulnerável é muito lento, mas é real e possível. O futuro, como diz o ditado popular “a Deus pertence”.

d) a necessidade de criar alternativas de trabalho para pessoas vulneráveis com formação de nível secundário e/ou superior.

Alguns links interessantes sobre o tema do estigma:

<http://www.amafe.org/noticias-blog/>

Trata-se de uma associação nacional de amigos e familiares de esquizofrênicos paulistas muito bem organizada e que começou a funcionar já na década de oitenta do século XX. Vale a pena visitar o blog.

<http://entendendoaesquizofrenia.com.br/website/?p=3716>

No site do Dr. Leonardo Palmeira há uma matéria sobre essa questão.

<http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol39/n3/80.htm>

Trata-se de um artigo bem interessante, cujos autores são todos do Departamento e Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Nesse artigo eles avaliam como o estigma aparece nas metáforas utilizadas pela mídia brasileira por meio do levantamento de notícias na imprensa e na internet.

Marquem em suas agendas: 8 de agosto, nosso próximo encontro. Como o grupo está maior seria oportuno que fôssemos pontuais.

Abraço,

Clarice Nunes

<http://www.amafe.org/que-es-la-esquizofrenia/estigma/>